Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

2013

Artigos

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

A contribuição da disciplina de Arte na leitura de imagens como ponto de partida para abordagem de um conteúdo disciplinar das diversas áreas do conhecimento.

Alessandra Zanato Mensato[1]
Maria Irene Pellegrino de Oliveira Souza[2]

Resumo

O presente artigo tem a finalidade de mostrar como a disciplina de Arte pode contribuir com as demais disciplinas a partir da leitura de imagens, tendo como recurso o uso da tecnologia da informação auxiliando a produção de seu material pedagógico. A instituição escolhida para o desenvolvimento do trabalho foi o Centro Educacional de Educação Básica de Jovens e Adultos de Cornélio Procópio (CCEBJA), tendo como público-alvo os professores das diversas áreas do conhecimento. A proposta partiu da leitura de diversas pinturas adotou a metodologia da coleção Eco Art[3]. O intuito de trabalhar a leitura imagética, parte do princípio que no contexto escolar ela não deve ficar apenas a cargo do professor da disciplina de Arte, uma vez que todos lidam com discentes em formação e a contribuição de promover a reflexão crítica e a formação de opinião cabe a todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. O referencial teórico foi composto por Buoro, Martins e Moran, entre outros. Concluiu-se que o professor pode fazer uso da tecnologia disponível na escola para compor seu material didático, personalizado, de acordo com o conteúdo que vai desenvolver, ampliando seu *hall* de instrumentos e que a leitura de imagem pode de fato contribuir para favorecer a mediação pedagógica.

Palavras-chave

Leitura de Imagens. Pinturas. Tecnologia. Abordagem Metodológica.

1- Introdução

Vivemos rodeados de imagens, seja no contexto escolar, no percurso ao nosso trabalho, em nossa casa, enfim, as imagens fazem parte do nosso cotidiano. A reflexão sobre o que essas imagens representam em nossas vidas, como elas podem nos

---

[1]Graduada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Londrina. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Empresarial pelo CIPPEX, Tecnologias de Informação e Comunicação na Promoção da Aprendizagem pela UFRGS, Educação a Distância pela Faculdade de Pinhais, Mídias Integradas na Educação pela UFPR. Arte Educadora da rede estadual de educação desde 1995 e técnica pedagógica em tecnologia educacional desde 2005 na Coordenação Regional de Tecnologia na Educação no Núcleo Regional de Educação de Cornélio Procópio. Professora PDE da turma de 2013.

[2] Doutora em estudos da linguagem, docente do Departamento de Arte Visual da UEL e orientadora deste trabalho.

[3] Material educacional que reúne proposições didáticas que, a partir da leitura de imagem, possibilitam o diálogo entre o discurso poético proferido pelas obras da coleção Eco Art. Disponível em: <http://artenaescola.org.br> Acesso em 29/08/2013.

influenciar, como criam estereótipos, julgar o que é certo e errado, o que é bonito e o que é feio, o que é bom e o que é ruim, enfim, o quanto elas nos influenciam e mesmo assim, muitas vezes não paramos para refletir acerca daquilo que vemos. Buoro nos alerta sobre essa questão:

> Espectadores frequentemente passivos, temos por hábito consumir toda e qualquer produção imagética, sem tempo para deter sobre ela um olhar mais reflexivo, o qual inclua e considere como texto visual visível e, portanto, como linguagem significante. Somos submetidos às imagens, possuídos por elas, e sequer contamos com elementos para questionar esse intrincado processo de enredamento e submissão. (BUORO, 2002a, p.34)

Estando em território escolar, porque não aproveitar desta situação na qual somos expostos diariamente e nem sempre conscientizados de que estamos sendo manipulados pelas mídias?

Na escola, o professor é o principal mediador que se pode contar para auxiliar neste processo de fazer com que os alunos sejam capazes de desenvolver um pensamento crítico sobre o que veem, o que ouvem e o que consomem.

As diversas mídias, tais como a televisão, o rádio, os impressos e o virtual não vão deixar de ser veiculados, pois geram capital para o proponente. O consumismo é um dos maiores alvos a serem atingidos com essas propagandas, mas também a formação de opinião também é algo preocupante diante deste cenário em que vivemos.

Por isso, faz-se necessário problematizar a partir das imagens transmitidas, já que a escola representa o ambiente fértil para aflorar ideias e criações. Nestes termos, ao livro didático devem se somar os demais recursos que fazem parte do repertório dos estudantes, a fim de que possam questionar os elementos e intenções que balizam as imagens.

Segundo Moraes (1997):

> Optar pelo ensino como mediação, antes de tudo é compreender as exigências oriundas dos vários setores da sociedade atual, das quais a Educação não pode ficar apartada. O ensino desenvolvido sob este enfoque gera a possibilidade de o aluno realizar sua aprendizagem de forma crítica, reflexiva e autônoma. A partir de um espaço de interação dinâmica, o professor será o sujeito mais experiente e preparado para induzir a participação, criação e autonomia do educando, para características necessárias a um novo homem, educado para uma cidadania, aberto ao diálogo e a convivência, contemporâneo de si mesmo. (MORAES, 1997 apud FARIA 2006, p.113)

Na perspectiva defendida pela autora, o docente deve ter uma postura de pesquisador, que primeiro levantará as diversas facetas das imagens para

desvendá-las posteriormente com os alunos. A visualidade é um dos aspectos sobre o qual o professor precisa estar atento aos olhares desavisados, procurando sempre excitá-los para a criticidade. Segundo Raimundo Martins (2008),

> A ausência de um olhar crítico e sem sentido de responsabilidade, pode deixar as pessoas vulneráveis à manipulação da crescente e inesgotável diversidade de imagens – de arte, publicidade, ficção e informação – que, de múltiplas maneiras nos interpelam, invades e sitiam nosso cotidiano. Imagens têm vida cultural e exercem poder psicológico e social sobre indivíduos. (MARTINS, 2008, p. 34)

O alerta do autor é muito pertinente para desenvolvimento dos conteúdos e todas as disciplinas podem inserir as imagens em seu plano de trabalho docente. Lembrando que a disciplina de Arte muito pode contribuir para ampliação do contexto imagético. Como é sabido um dos conteúdos estruturantes desta disciplina é a composição e através da leitura de imagens, diversas situações podem possibilitar ao professor o trabalho apoiado nas imagens. Em qualquer disciplina do currículo escolar. Alunos podem trazer à discussão comerciais de revistas ou mesmo comentarem sobre uma propaganda tendo uma leitura equivocada sobre ela, em que o anunciante se aproveita para vender ou mesmo incutir um estereótipo que não condiz com a realidade da grande maioria das pessoas, fazendo com que os alunos em especial, aceitem tudo pacificamente sem ao menos nos questionar se isso é bom ou ruim.

A partir de situações cotidianas propagadas pelas imagens é possível abordar um conteúdo disciplinar ou os desafios educacionais contemporâneos, como os direitos humanos, educação ambiental, enfrentamentos à violência, drogas e as questões etnicorraciais, por exemplo. Assim, o coletivo escolar deve eleger as imagens que contemplem o conteúdo estudado, já que a proposta em se trabalhar com as diversas áreas do conhecimento poderia proporcionar uma abrangência grande de alunos, de forma que estes tenham a possibilidade de construir novos conceitos. A Arte, por sua versatilidade, pode alavancar a transdisciplinaridade, perpassando por vários saberes, porque conforme apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais (2008),

> [A] Transdisciplinaridade é a coordenação do conhecimento em um sistema lógico que permite livre trânsito de um campo de saber para outro, ultrapassando a concepção de disciplina e enfatizando o desenvolvimento de todas as nuances e aspectos do comportamento humano (PCN, 1998).

Esse “livre trânsito” permite ao professor e ao aluno analisarem a imagem, bem como outros recursos utilizados, sob vários ângulos, pois no contexto em que

estamos vivendo não é mais possível o professor ser o mesmo professor, com as metodologias que outrora eram utilizadas, pois o nosso aluno é outro, nosso tempo também é outro. Hoje, as imagens que tanto seduzem os estudantes estão alojadas na internet. O acesso à informação é muito rápido e muito fácil, principalmente com o uso dos dispositivos móveis, como os celulares, *smartphones* e *tablets*. O professor, não é mais o único detentor do saber. Já não é mais possível fecharmos os olhos para o uso das tecnologias.

É comum ouvirmos ainda "*daqui a pouco o computador vai dar aula no nosso lugar*". Esse pensamento é equivocado, o professor precisa ver no instrumento um recurso a mais na sua ação pedagógica, para tanto é necessário que se conheça tal recurso para poder utilizar com autonomia. Mercado (2007), ressalta que:

> Autonomia, criticidade e domínio de novas linguagens tecnológicas são competências necessárias e urgentes que devem ser exigidas dos educadores nessa árdua tarefa de aproximação e distanciamento crítico das novas tecnologias para a utilização consciente no ensino de todos os níveis (MERCADO, 2007, p. 95).

Nesse sentido, o professor precisa conceber que as tecnologias não agem como fim, mas como meio para levar o conteúdo para sala de aula de maneira diferenciada, proporcionando um novo olhar sobre o tema abordado pelo docente. Pelas portas virtuais, ele poderá fazer uso de imagens, sons, vídeos, jogos, simuladores, etc., perceberá que os materiais abrigados na máquina tornam-se aliados no processo do ensino e da aprendizagem. Assim, tendo um novo olhar sobre a tecnologia como parceira e não como concorrente, parte-se para uma nova etapa de entendimento, que é a do conhecer melhor nosso público-alvo, isto é, nossos alunos.

Não é mais concebível o professor acreditar que os alunos são os mesmos de dez anos atrás, que a forma de ensinar e de aprender poderão ser as mesmas. Comumente, os professores comentam que os alunos sabem lidar melhor com as tecnologias do que eles. Há, ainda, no esteio escolar aqueles que preferem fechar os olhos frente à chegada das tecnologias e da necessidade de absorver novas metodologias e acompanhar o perfil dos alunos. Perfil mais conectado à internet, em que o acesso às informações desestrutura aquele professor que não está preparado para lidar com situações desta grandeza. Sobre o assunto, Moran, Maceto e Behrens (2000), afirmam que:

> A aquisição da informação, dos dados, dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer hoje, dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor – o papel principal – é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los. (…) O seu papel é fundamentalmente de um orientador – mediador (MORAN,

MASSETTO, BEHRENS, 2000, p. 30).

Assim, há uma grande necessidade de autonomia do professor em criar seu próprio material didático, adaptando às especificidades de cada turma, de cada assunto a ser apresentado com metodologias diferenciadas para cada necessidade, cabendo ao professor ser o curador do conteúdo e da forma a ser apresentado ao seu público.

É constante ouvirmos de colegas das diversas áreas do conhecimento que temos pouco material didático, outras vezes encontramos críticas de como o conteúdo veio apresentado neste ou naquele livro, ou mesmo que as bibliotecas não contemplam o tema a ser estudado, ficando a cargo da internet a busca das informações e que neste caso torna-se muito preocupante quando o aluno faz uso dessas informações. Sabemos que nem tudo que está na rede é de fonte confiável, e se o professor não mediar essas informações contribuirá para um uso desenfreado e desconexo no que o instrumento pode oferecer positivamente.

Como conseguir esse controle, essa ação de qualidade nas informações que nossos alunos acessarão? É simples, tudo partirá de um bom planejamento para o uso do recurso. O professor fará uma pesquisa antecipada, selecionará sites confiáveis e aí acompanhará seus alunos no caminho a ser seguido sem medo de informações equivocadas e não confiáveis, conforme considerações de Posani (2003),

> O processo do desenvolvimento deve ser cuidadosamente planejado e metodicamente desenvolvido, pois para produzir um objeto de aprendizagem é preciso: (a) conhecer a temática que se deseja trabalhar; (b) determinar a abordagem pedagógica que norteará a sua concepção de uso; (c) saber utilizar ferramentas de autoria para sua construção e (d) trabalhar de forma coerente com os princípios de projeto educacional. (POSANI, 2003 apud TAROUCO *et all* ([2000b?], p.2)

Desta forma, cabe então ao docente selecionar o seu conteúdo e pensar na melhor forma de levá-lo para a sala de aula, definindo de que maneira irá apresentá-lo para o seu aluno. Tendo o conhecimento necessário para essa autonomia, poderá em suas ações, optar pelo melhor software/recurso que se aplica sua intenção.

Na rede estadual de educação, podemos dizer que tivemos um avanço em relação a vinda das tecnologias para escola, tida sempre como em atraso perante a evolução tecnológica. Hoje podemos contar com a TV Multimídia, uma forte aliada do professor, no que diz respeito a uma metodologia diferenciada, também podemos contar com o data show, os *tablets* e recentemente a lousa digital. Dizer que todos os professores já dominam tais recursos ainda é utopia, neste sentido, a proposta foi aliar a leitura de imagens com a emancipação do professor em criar seu próprio material didático.

2- Desenvolvimento

Na averiguação de problemas enfrentados na escola, e que o meu Projeto de Intervenção Pedagógica pudesse contribuir para minimizar essas mazelas, verificou-se que os professores apontavam para a necessidade de utilizar mais a tecnologia disponível na escola em suas aulas.

Na EJA a diversidade de público que o professor encontra na Sala de aula é grande. São salas diferenciadas, com diversas idades, anos/séries e conteúdos nos atendimentos individuais, já diferente do atendimento do coletivo, onde é realizado um módulo com único conteúdo a todos os alunos.

O perfil do educando é diferenciado nesta modalidade de ensino. Descrito no Projeto Político Pedagógico da Instituição,

> Nosso público-alvo é cidadão, tem direito público subjetivo e uma antropologia própria. Sendo este formado por jovens e adultos que não tiveram acesso à escola na idade própria, ou não tiveram a possibilidade de continuar seus estudos por inadaptação às práticas escolares, necessidade de trabalhar, ausência de estímulo e repetências sucessivas. Em sua maioria, sofrem desde muito cedo pressões para ingressar no mercado de trabalho e, sem qualquer habilitação, dedicam-se a atividades à margem do mercado formal de trabalho. (Projeto Político Pedagógico, 2014, p. 28[4])

Tratando-se de um público com essas características, é necessário que se ofereça uma educação que considere as necessidades das diferentes faixas etárias, bem como que contemple as vivências trazidas por estes alunos.

Pensando nesta diversidade houve a necessidade em averiguar como o professor utiliza a tecnologia e a leitura de imagens no seu contexto, se as utiliza como uma ferramenta pedagógica para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, se através delas proporciona uma aula diferenciada, enfim, essas questões me levaram à reflexão de como é importante e fundamental o professor produzir seu próprio material didático, atuando diretamente no que pretende alcançar com seu aluno, proporcionando um outro olhar para determinada situação ou conteúdo escolar.

Neste contato direto com os professores participantes, pude coletar informações através de conversas informais, que me levaram a constatar que as informações prévias sobre o uso da tecnologia disponível na escola como ferramenta pedagógica e da leitura de imagens era mesmo deficitária. Ao investigar sobre o assunto,

---

[4]Disponível em: <http://www.cppceebjacornelioprocopio.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/8/640/47779/arquivos/File/ppp_ppc_julho_2014.pdf> Acesso em: 03/10/2014.

constatei respostas como estas:

A imagem que trabalho são as que estão nos livros, não tenho prática em gravar no pendrive para levar na Tv Multimídia (S.P., 2014)

Gostaria de levar mais coisas para a sala, mas perco muito tempo procurando, as vezes não sei direito qual programa usar para fazer o que eu quero, sempre tenho que pedir ajuda para meu filho (S. D., 2014)

Eu prefiro fazer meu material em casa, aqui nem sempre está funcionando, em casa, eu consigo fazer apresentação de slides, mas não consigo converter vídeo para passar na Tv Multimídia (R.R., 2014)

Gosto de levar imagens, eu consigo baixar no pendrive, mas quando passo na Tv Multimídia as vezes sai tudo da ordem, aí desanimo um pouco (D.M. 2014)

Acho legal trabalhar com imagens, acho que podem ilustrar muito o conteúdo, mas não faço isso com muita frequência. (I.D., 2014)

Gosto de trabalhar com bastante recurso, não tenho dificuldades em preparar material, gosto de trabalhar com música, vídeo, imagens, etc, mas quero aprender um pouco mais sobre a leitura de imagens, acho que sempre temos algo a mais para aprender e nos ajudar a melhorar nossa aula. (F. B., 2014)

É uma proposta boa, importante para nós (pedagogos), pois poderemos indicar aos professores que trabalhem com os eixos articuladores da EJA que são a cultura o trabalho e o tempo. (C.M. 2014).

Na proposta de minha implementação tracei intersecções com a leitura de imagens e o uso do computador para produção dos materiais, levando em consideração os dados coletados. Neste sentido, percebi a necessidade de trabalhar com a informática básica, que proporcionaria certa autonomia ao professor para elaborar seus materiais didáticos e a leitura de imagens (obras de arte), como uma outra possibilidade do professor abordar assuntos curriculares ou adentrar em temas que abordem questões socioeducacionais, o que é um grande desafio para o educador, saber aproveitar as oportunidades que surgem em sala ou mesmo que podem ser provocadas por ele e, neste sentido a imagem e sua leitura pode ser um bom recurso.

2.1 – O caminho percorrido

A execução do Projeto de Intervenção Pedagógica, ocorreu aos sábados, para que um número maior de professores pudesse participar. Contamos com a presença de oito profissionais das diversas disciplinas, como Ciências, Geografia, Matemática, Educação Especial, Educação Física, Língua Inglesa e duas pedagogas do colégio.

Foram realizados oito encontros presenciais de quatro horas cada para darmos sequência nas atividades propostas.

O primeiro encontro foi destinado para a apresentação do projeto, explicações sobre o desenvolvimento e sanar os possíveis questionamentos.

Inicialmente houve a preocupação da maioria dos professores, sob a alegação de não serem da disciplina de Arte e que não sabiam desenhar e que tinham dificuldades para mexer no computador. É comum os colegas de outras disciplinas traçarem um estereótipo do professor de Arte, acreditando que todos são artistas, exímios desenhistas e pintores, que são todos habilidosos para o artesanato, enfim que toda parte "ornamental" da escola em festas e eventos fica a cargo dele essa função.

A preocupação em desconstruir essa imagem previamente condicionada à disciplina e ao profissional que a ministra, foi constante em nossos encontros presenciais. Poder mostrar a contribuição da disciplina para o currículo escolar como parte integrante da formação erudita do sujeito, também se tornou um dos objetivos da ação, a partir do momento em que houve a constatação deste equívoco.

Conceitos como esse que o aluno fica só desenhando data comemorativa, que fica só pintando e recortando ou fazendo teatrinho, contribuem para a não valorização da disciplina como parte integrante e necessária para a formação crítica do sujeito.

A falta de conhecimento e de oportunidade em conhecer um pouco mais o que a disciplina tem a oferecer, faz com que acabe se tornando a disciplina vista equivocadamente como sendo a de menor valor frente às outras e que qualquer profissional pode ministrá-la sendo de outra área do conhecimento para preencher carga horária, por exemplo.

O trabalho com aqueles professores seria uma oportunidade ímpar para colaborar com a desconstrução dessa visão equivocada.

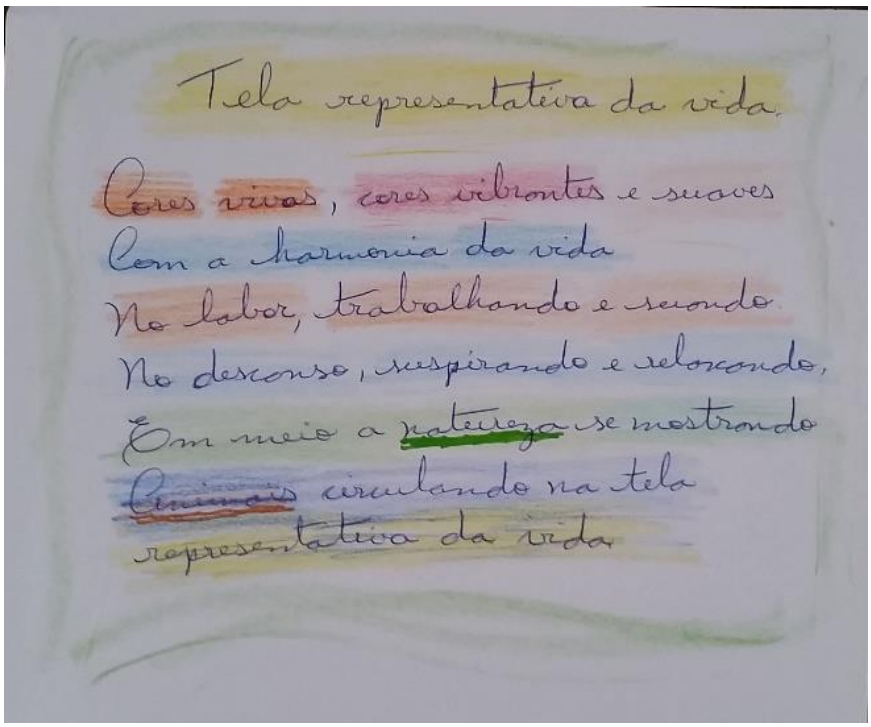
Ao apresentar a ementa dos encontros, foi possível perceber que houve uma reação primeiramente de espanto e depois de curiosidade entre os professores. Pude observar os olhares entre eles e a fixação e atenção a tudo que era falado. Comentários como "nossa, quanta coisa para ser feita", "vamos fazer tudo isso?", "ah eu não vou conseguir fazer isso". Realmente, havia várias ações planejadas para serem desenvolvidas ao longo dos oito encontros. Nesta data, assistindo a essa explanação estavam presentes o diretor e a equipe pedagógica do colégio que sempre apoiou e proporcionou totais condições necessárias para que o projeto pudesse ser implementado. A todo momento sendo solícitos e receptivos na formação pedagógica dos professores.

Neste primeiro encontro, após a apresentação da ementa, já iniciamos a

atividade. Foi apresentado aos professores o roteiro do EcoArt[5], que foi adaptado para o público docente, no qual direcionou a leitura das imagens que seriam ao longo dos encontros utilizado. Esse material é muito rico, pois apresenta passos para serem seguidos ao realizar uma leitura de imagens, levando o leitor a entender o percurso, observar os detalhes que normalmente nos passam despercebidos, analisar cores, texturas, volumes, luz e sombra, cenário, tipo de técnica, enfim, nos possibilita um direcionamento para conseguirmos realizar essa leitura visual, que antes parecia tão distante dos professores de outras áreas do conhecimento.

Para a primeira leitura, foi apresentada a obra "Não é moda quem pensa e incomoda"[6], de Irene Cabañas. Visualizamos a obra com o recurso do data show. Seguimos todos os passos descritos pelo roteiro, sem antes eu anunciar o nome da obra e da autora, fomos explorando a imagem, indo além do que os olhos pudessem ver. Foi impressionante observar que a cada observação feita, era expressada uma reação, tal como "nossa tudo combina", "como que a gente não vê as coisas", "nosso olhar é sempre muito rápido sobre as coisas", e a medida que iam surgindo as exclamações eu abordava o conteúdo escolar, como que cada disciplina ali representada poderia trabalhar com a imagem, o resultado foi muito interessante, pois todos encontraram uma abordagem a ser feita com algum conteúdo do currículo. As pedagogas também interviram, lembrando que era possível trabalhar com os temas transversais, como o racismo. Nesta mesma atividade, após a leitura detalhada da imagem, trabalhamos com a prática, onde cada professor se expressou de uma maneira, uns relacionaram com cores, outros com letra de música falando da mulher, outros desenhos, enfim, como sendo a primeira atividade foi muito gratificante.

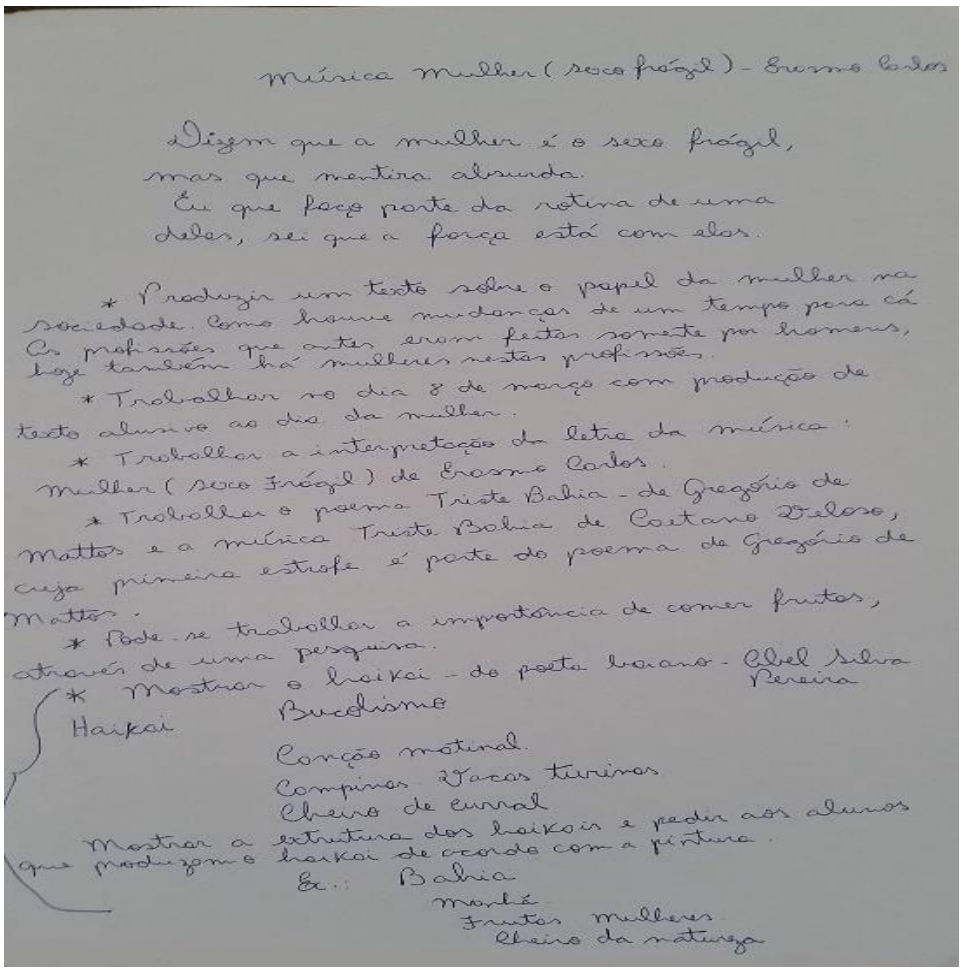
[5]Disponível em: <http://artenaescola.org.br/ecoart/metodologia/> Acesso em 08/09/2014.
[6]Disponível em: <http://bahiamam.org/mulheres-de-salvador-sao-retratadas-por-artista-espanhola/> Acesso em 08/09/2014.



Tela representativa da vida.

Cores vivas, cores vibrantes e suaves
Com a harmonia da vida
No labor, trabalhando e suando
No descanso, suspirando e relaxando,
Em meio a natureza se mostrando
Animais circulando na tela
representativa da vida

1 Representação. 2014. R.M.R



Música mulher (sexo frágil) - Erasmo Carlos

Dizem que a mulher é o sexo frágil,
mas que mentira absurda.
Eu que faço parte da rotina de uma
delas, sei que a força está com elas.

* Produzir um texto sobre o papel da mulher na sociedade. Como houve mudanças de um tempo para cá. As profissões que antes eram feitas somente por homens, hoje também há mulheres nestas profissões.
* Trabalhar no dia 8 de março com produção de texto alusivo ao dia da mulher.
* Trabalhar a interpretação da letra da música: Mulher (sexo Frágil) de Erasmo Carlos.
* Trabalhar o poema Triste Bahia - de Gregório de Mattos e a música Triste Bahia de Caetano Veloso, cuja primeira estrofe é parte do poema de Gregório de Mattos.
* Pode-se trabalhar a importância de comer frutas, através de uma pesquisa.
* Mostrar o haikai - do poeta baiano - Abel Silva Pereira

Haikai
Bucolismo
Canção matinal.
Campinas. Vacas turinas
Cheiro de curral

Mostrar a estrutura dos haikais e pedir aos alunos que produzam o haikai de acordo com a pintura.

Ex.: Bahia
Manhã
Frutas mulheres
Cheiro da natureza

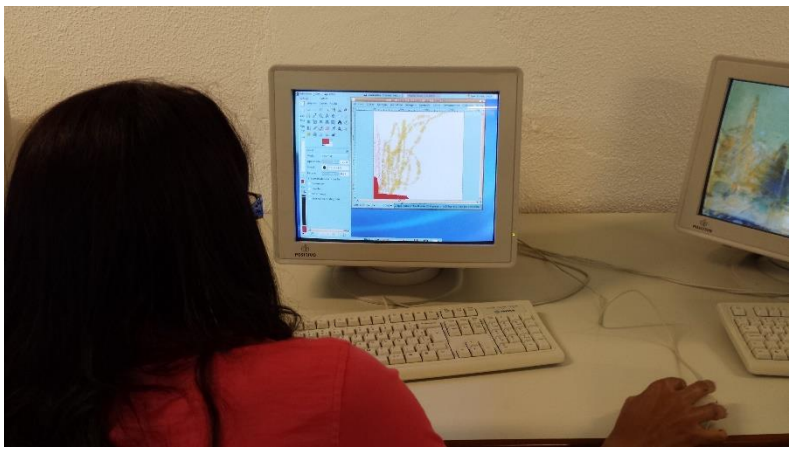
2 Representação. 2014. D.M.

No segundo encontro, trabalhamos com a obra de Nadir Afonso, intitulada como “Praça dos Aliados”[7]. Essa obra tem uma característica especial, parece estar um tanto desfocada, e a reação esperada por mim foi concretizada através das afirmativas dos professores, como: “agora não dá pra ver nada muito bem”, “parece que tem uma pessoa”, “acho que é uma igreja”, “pode ser uma cidade”, o fato de deixarmos para o final o nome da obra pode ajudar a não influenciar o participante na sua leitura e assim o fizemos. Seguimos o roteiro e da mesma maneira fomos desvendando aquela imagem que a todo tempo era relacionada também aos conteúdos que cada disciplina poderia utilizar para abranger um tema do currículo. Ao término da leitura, frases novas iam sendo ouvidas, como “agora posso entender melhor o quadro que tenho em casa”, “como é interessante esse exercício de ver além do que se vê”, “não é tão difícil assim”. A parte prática ocorreu no computador. Utilizamos o software GIMP[8], disponível no laboratório do Paraná Digital, e que nenhum participante conhecia. Novamente é possível perceber a curiosidade em conhecer algo novo confrontando com o medo do desconhecido. Foram apresentadas as ferramentas principais do programa, bem como antes da atividade fizemos uma exploração das ferramentas, quebrando assim o medo inicial. Após esses passos, iniciamos a nossa composição tendo como base o texto visual inicial, a obra apresentada. Foi deixado muito claro aos participantes que não estávamos preocupados em quem desenharia melhor, nosso objetivo ali era outro, o de conhecer um programa novo e de transformar a tela em branco (comparada a folha do papel do encontro anterior) e o mouse com as inúmeras opções que o programa ofertava com os materiais que foram disponibilizados. Agora estamos saindo do concreto e trabalhando no virtual. Após as composições feitas, cada um foi fazendo a sua narrativa explicando sua intenção. Também foi aproveitado o momento para ensinar os demais colegas a salvar a imagem produzida, criar uma pasta na sua conta pessoal do computador e exportar essa imagem para ser utilizada posteriormente na Tv Multimídia, já pensando na emancipação do professor nas suas produções a serem veiculadas na Tv.

---

[7]Disponível em: <http;//arte-factoheregesperversoes.blogspot.com.br/2010/04/nadirafonso-2.html> Acesso em: 08/09/2014.

[8]Software Livre que roda em multiplataforma (Linux e Windows), destinado à manipulação de imagens.



3 Imagem da autora. 2014

O terceiro encontro foi destinado à apresentação do software *Impress* que é designado à produção de slides. Foi apresentado aos professores o programa e suas ferramentas. Para aliar o manuseio do software e o ensinar a realizar uma pesquisa de imagens na internet, trabalhamos com as duas coisas, o software e a internet. O intuito era auxiliar o professor a produzir seus materiais e a conhecer e aprender a baixar e salvar uma imagem, já que houve a queixa de alguns em não conseguir realizar essa ação. Utilizamos o Portal Dia a Dia Educação nos recursos referentes a imagem e também o Google, que neste caso aproveitamos e conversamos sobre a Lei 9.610/98 dos Direitos Autorais.

No quarto encontro, a proposta de leitura foi a de um pintor mais conhecido no âmbito nacional e internacional pela sua trajetória e suas obras: Paul Gauguin. A escolha da obra não foi a de uma obra mais divulgada e sim uma menos conhecida pelos admiradores de Arte. Não diferente da leitura realizada nas outras obras, também seguimos o roteiro do EcoArt. A obra intitulada "Returning from the harvest (Manuring) – Retornando da colheita (Adubação)[9]", de 1884, possibilitou aos professores uma certa autonomia na leitura da obra, seguindo o roteiro. Como vínhamos abordando no decorrer do processo o link com os conteúdos disciplinares, inclusive vários de uma mesma disciplina iam sendo visualizados. Nas oportunidades que iam ocorrendo, ia-se aproveitando para colocar aos colegas sobre a importância da disciplina e como ela colabora com a formação crítica do sujeito.

[9] Disponível em: < http://www.wikiart.org/en/paul-gauguin/returning-from-the-harvest-manuring-1884> Acesso em 10/12/2014.

4 Returning from the harvest, 1884. Paul Gauguin

A escolha da obra de Volpi, Ogivas[10] para o quinto encontro, parte do pressuposto de que objetos do nosso cotidiano podem ser também motivos para exercitarmos o nosso processo criativo.

Na obra retratada de Volpi, que é a de inúmeras bandeirinhas as quais fizeram parte da vida do artista, nas festas e quermesses da rua, no bairro onde ele morava, foi motivo de inspiração para se trabalhar com os professores participantes. Além de ser uma imagem que contempla formas abstratas com linhas e figuras geométricas, não é uma obra figurativa, na qual os professores estavam, dentro do processo, acostumados a ler.

Realizamos o processo de leitura, observando as reações de surpresa no decorrer do andamento do roteiro que era seguido observei que houve um avanço em relação à leitura, os professores, participaram mais, sem que eu intervisse com perguntas que estimulassem as observações. Estava dando por certo que essa imagem fosse apresentar maior dificuldade para a leitura, mas equivoquei-me, pois seguindo o roteiro e já com as experiências anteriores realizadas, a atividade não apresentou maiores dificuldades para a apreciação.

Aqui propusemos inserir outros dispositivos, indo além do computador e dos materiais concretos, como papéis, tintas, revistas, lápis, etc. Trabalhamos com a câmera fotográfica, cuja proposta era do professor escolher um objeto do seu cotidiano escolar e a partir dele construir uma composição gráfica digital, com o GIMP, para ser apresentada

[10] Disponível em: < https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSYuqPXhXaP0MG3NV0utltHX6T4whJ6FHjmxyZjZZFsNyv7aWcWUg> Acesso em 10/12/2014.

aos demais colegas, com um indicativo do seu conteúdo disciplinar.

A composição produzida pelo professor, ao ser apresentada ao demais, mostrou que o tema pode ser multidisciplinar, sobre os diversos problemas existentes na escola como o *bulling*, a inclusão ou rejeição, preconceito, diversidade de gênero, etc. Na sua apresentação o professor destacou que fez sua composição bem colorida, pois vê a escola ainda sem cor, sem vida, sem vibração e que as cores representadas podem encenar novas metodologias, novos caminhos para uma educação igualitária, onde todos podem ter uma cor e que na escola todas tem seu lugar, tem sua importância e seus valores, despertando assim nos alunos, que hoje apresentam um "outro perfil", algo que chame sua atenção e que realmente produza nele o sentido de adquirir novos conhecimentos e contribuir desta forma para a formação de um cidadão mais crítico ao mundo que o rodeia.

Figura 5: Composição Digital. 2014. F.B.

No sexto encontro, a obra escolhida para a leitura foi a de Anita Malfatti, o Farol[11]. Para criar uma situação favorável à aprendizagem optei por fazer algo que os professores achassem mais lúdico, assim propus que criassem uma história em quadrinhos considerando tudo o que já haviam visto no curso, mas tendo a liberdade para escolherem as imagens que mais gostassem. Após essa experiência mostrei a eles a pasta de compartilhamento a qual possuía uma série de imagens que foram por mim selecionadas, imagens essas que poderiam ajudar o professor a compor sua história, como alguns cenários, algumas imagens de pessoas, animais, casas, mobílias, enfim as

[11] Disponível em: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTnP9D3_1Zj3Cu7IbEffGdW5V52ytwXr6RG_UV1mNHB66kN40lv> Acesso em 11/12/2014.

imagens foram sugestões, porém também foi trabalhado como pesquisar imagens na internet, tendo desta forma a liberdade de utilizar a imagem que quisesse. Neste momento, foi conversado com os professores as questões dos direitos autorais sobre o uso de imagens.

Essa atividade foi uma das que os professores mais gostaram de realizar e viram que é possível sim, trabalhar com um tema e depois realizar um trabalho com os alunos utilizando a tecnologia que está disponível na escola, com os computadores.

Para o sétimo encontro, os professores deveriam realizar uma pesquisa sobre uma obra de arte, visitando vários sites, o portal Dia a Dia Educação, Domínio Público, etc para conhecerem diversos pintores e pintoras, suas histórias, obras, etc. Deveriam escolher uma obra e salvar no *pendrive* para no próximo encontro apresentar aos demais colegas a sua escolha e realizar com eles a leitura das imagens, despertando nos participantes o olhar para um conteúdo da sua disciplina.

O oitavo encontro foi destinado à apresentação das pesquisas, a leitura das imagens trazidas e o olhar para o conteúdo disciplinar ou de temas comuns. Realizamos também a análise da implementação do projeto de intervenção com o fechamento dos encontros.

Durante o percurso da Implementação do Projeto de Intervenção na escola acontecia concomitante o Grupo de Trabalho em Rede (GTR).

De acordo com a concepção da Secretaria de Estado da Educação,

> Os Grupos de Trabalho em Rede – GTR constituem uma atividade do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, que se caracteriza pela interação virtual entre os Professores PDE e os demais professores da Rede Pública Estadual. (SEED/PR, GTR 2014)[12]

A linha de estudo foi as mídias e as novas tecnologias no ensino da arte. Sob o título “A construção transdisciplinar da leitura de imagens através de obras de arte em rede”, no qual dezessete professores da disciplina de Arte da rede estadual de educação, dos mais variados municípios do estado se inscreveram.

O GTR era um público diferenciado da implementação que ocorria na escola, pois era destinado apenas à professores de Arte. Foi muito importante acontecerem concomitantes, pois permitiu estabelecer paralelos com o que eu propunha, com o que implementava e com o olhar de outros profissionais da área sobre minha proposta.

Ao término do GTR foi possível apresentar aos professores de Arte o quanto é importante todas as disciplinas abordarem a leitura de imagens e que é possível

[12]Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=503> Acesso em 03/10/2014.

realizarmos essa instrumentalização com os demais professores das escolas onde atuamos.

2.2 Conclusão

Trabalhar com os professores do CEEBJA de Cornélio Procópio foi muito gratificante. Observar o interesse deles em conhecer uma nova proposta para ser implementada na sala de aula, acentuou em mim a afirmação de que o professor não desistiu de buscar novos conhecimentos, novas possibilidades para contribuir para o aprendizado de seus alunos de forma mais atraente, ou mesmo diferenciada da metodologia tradicional, na qual a maioria dos professores estão habituados a trabalhar, como o quadro e o giz, ou permanecendo apenas no livro didático.

A participação foi unânime e através das atividades, verificou-se que houve um progresso na construção do conhecimento sobre a leitura de imagens. Saímos da superficialidade do olhar desatento, do não compreender o que se pode absorver de uma imagem e ir além disso, de instigar em nossos alunos a criticidade, fazendo com que eles também vejam além do que está posto, que leiam o texto visual nas entrelinhas, que percebam a intenção, a ação e o objetivo do que lhe é apresentado diariamente.

O professor, passou a observar que de uma imagem, muitas vezes sem muito significado ao primeiro olhar, vem carregada de expressão e que dela, é possível buscar dentro da sua disciplina, através de um conteúdo uma abordagem pedagógica, estabelecendo através dela um fio condutor para adentrar em um tema e como relatado pelos participantes, não sendo muito fácil o entendimento dos alunos com apenas as explicações dos livros.

Existe por parte dos professores partícipe a aspiração em levar algo novo, diferenciado e que contribua diretamente na necessidade específica da turma, ou mesmo apenas do aluno, porém ainda é fato que o docente só não faz mais, por não ter autonomia, no que diz respeito à tecnologia e nesse sentido, pode haver um engessamento no processo.

Buscar novas metodologias também requerem novas ferramentas, novos olhares, se não corre-se o risco de cair na mesmice, no marasmo sem um objetivo. De nada adianta mudar a ferramenta se permanecermos com a mesma metodologia.

Os professores não se opõem ao novo, porém questionam cobranças sem que lhes seja dada a oportunidade prévia de conhecer o que deve ser repensado. Neste

sentido, houve críticas à vinda dos últimos equipamentos como os *tablets* e a lousa digital, pois quando estão ainda se apropriando dos computadores e das TVs Multimídia, já surgem novas ferramentas. A falta de cursos, momentos específicos para lidarem com esses equipamentos novos também foi relatado. Antes, tinham sempre cursos ofertados pela SEED através da Coordenação Regional de Tecnologia na Educação (CRTE), agora nem todos conseguiram ainda realizar o curso do *tablet* que chegou antes da lousa digital e até a data relatada também não haviam conseguido realizar o curso da lousa digital.

Neste sentido, posso concluir que a escola fica sempre atrás em relação às tecnologias digitais, não por falta de interesse do professor, mas por falta de oportunidade dele se aperfeiçoar. Em relato, muitos relataram problemas com a falta de tempo no dia a dia para buscarem ajuda fora da escola, como entrarem em cursos específicos para aprenderem a mexer com as ferramentas disponíveis na escola, neste sentido, seria fundamental que a SEED desse mais oportunidades aos professores para fazerem cursos de formação continuada na área de tecnologia digital.

Esta deveria ser uma preocupação da Secretaria, já que os professores, de um modo geral, estão sempre dispostos aos estudos, mas faltam-lhes oportunidades. Se ao professor fosse dedicado um olhar de acolhimento, certamente muitas pessoas aprenderiam sobre a aventura maravilhosa que pode ser a sala de aula.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de poder participar deste Programa de Desenvolvimento Educacional, dando-me saúde, concentração e oportunidade de conhecer pessoas importantes para a minha formação.

À minha família, que soube superar minha ausência em dias de curso, dando-me força para o meu crescimento profissional.

À minha orientadora Maria Irene, que soube através de suas orientações, promover um estudo reflexivo e produtivo, através das referências por ela apresentada.

Ao CEEBJA de Cornélio Procópio, colégio no qual o foco da minha intenção de pesquisa e da minha implementação. Agradeço a direção e a equipe pedagógica, pelo carinho como fui recebida, pela disponibilidade em viabilizar para os encontros ocorressem da melhor forma possível.

Aos professores participantes, que doaram seu tempo se disponibilizando a conhecer uma metodologia diferenciada da que estavam acostumados e muitas vezes vencendo seus medos quando utilizavam o computador, ferramenta essa que ainda causa desconforto a muitos por falta do conhecimento.

Aos meus colegas de trabalho, que a todo momento me incentivaram e contribuíram para que eu pudesse implementar meu projeto e me auxiliaram nas correções deste artigo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. MEC/SEF. Brasília. 1998.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. Ed. Educ / Fapesp / Cortez, São Paulo-SP. 2002.

FARIA, Eliane Turk (Org); RAMOS, Andréia Ferreira. **Educação Presencial e virtual: espaços complementares essenciais na escola e na empresa**. Ed. EDIPUCRS, 1ª edição. Porto Alegre. 2006.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer a arte** Ed., FTD, São Paulo-SP. 1998.

MARTINS, Raimundo (Org.). **Visualidade e Educação**. Ed. FUNAPE, Goiânia, 2008.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (Org.). **Percursos na Formação de Professores com Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação**. Ed. EDUFAL. Maceió. 2007.

MORAN, José Manuel (Org.); MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediações Pedagógicas**. Ed. Papirus. 13ª edição. Campinas. 2000.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO do CEEBJA de Cornélio Procópio. Disponível em: <http://www.cppceebjacornelioprocopio.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/8/640/47779/arquivos/File/ppp_ppc_julho_2014.pdf> Acesso em: 03 out. 2014.

TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach; KONRATH, Mary Lúcia Pedroso; CARVALHO, Marie Jane Soares; AVILA,Bárbara Gorziza. **Formação de professores para a produção e uso de objetos de aprendizagem**. Porto Alegre. Disponível em: < http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cursoobjetosaprendizagem/tarouco_oa.pdf> - Acesso em: 06 out. 2014.

Secretaria do Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Arte**. 2008